

Tribuna Livre

Antônio Silveira (*)

A precária saúde ambiental

Colaborador

Praticamente todos os dias a mídia traz notícias alarmantes que envolvem questões ambientais, como fome, poluição, desastres ecológicos, doenças ambientais, destruição de florestas e outras. Fatos estes que são constatados em estudos e relatórios de entidades ambientalistas. O que ocorreu no recentíssimo relatório da ONU, chamado *Avaliação Ecológica do Milênio*, elaborado por 1.350 cientistas de 95 países, depois de análises minuciosas, iniciadas em 2001, de dados e trabalhos científicos.

O relatório constatou, com maior amplitude, o que muitos ambientalistas, cientistas e estudos esparsos já previam: o ser humano está degradando os ambientes naturais de forma drástica, impedindo sua regeneração, o que causa inúmeras consequências ambientais.

Apurou-se, por exemplo, que a escassez dos recursos hídricos tem se tornado um dos mais graves problemas, pois a falta de água já atinge cerca de 2,6 bilhões de pessoas que não têm acesso ao saneamento, faltando este recurso permanentemente em muitos países. Aliás, o racionamento de água já vem se tornando necessário em grandes cidades. Como sabemos, o crescimento demográfico, a expansão econômica com os impactos que produz principalmente com as indústrias, o aumento das fronteiras agrícolas, o uso irregular de agrotóxicos, a ocupação desordenada do solo, tratamento sanitário inadequado do lixo e a falta de conscientização do problema, estão entre as causas principais da degradação crescente dos recursos hídricos. Por sua vez, a falta de água traz problemas para o abastecimento aos reservatórios das hidrelétricas, dificultando a geração de energia.

Quanto às florestas, sua devastação chega a números alarmantes, calculando-se que cerca de 16 milhões de hectares de florestas tropicais são derrubados e queimados anualmente em todo o mundo. Isto contribui para o aquecimento global, já que a decomposição libera dióxido de carbono, metano e óxido de nitrogênio. Além disso, a morte de milhares de animais e plantas e a perda da biodiversidade representam um imensurável prejuízo ecológico e econômico. Aliás, o citado relatório constatou que a perda das florestas vem prejudicando notadamente a obtenção de remédios naturais e reduzindo os recursos genéticos. A qualidade atmosférica também vem sendo comprometida pelos gases emanados principalmente das indústrias e automóveis, chegando em certas cidades como em Santiago do Chile, Cidade do México, São Paulo e Milão a atingir graus alarmantes, afetando a saúde dos seus habitantes, inclusive com óbitos



relacionados direta ou indiretamente à poluição do ar. A desertificação é outro problema grave que vem se acentuando nas últimas décadas. Segundo já detectavam relatórios anteriores da ONU, este processo vem colocando fora de produção cerca de 60 mil quilômetros quadrados de terras férteis por ano, com perdas econômicas mundiais de US\$ 10 bilhões por ano. No Brasil a desertificação já se estende pelo Piauí, Rio Grande do Norte, Ceará, Paraíba, Alagoas, Pernambuco, Sergipe e Bahia, calculando-se em 181 mil quilômetros quadrados com prejuízos de US\$ 100 milhões anuais (Plano Nacional de Combate à Desertificação, Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal).

A pobreza também vem se alastrando por todo o globo. São mais de 1,2 bilhão de pessoas vivendo em condições de absoluta pobreza, mais de 1 bilhão são analfabetas, mais de 1,2 bilhão não têm acesso a água potável e milhões de crianças morrem anualmente por problemas de desidratação ou outros relacionados a falta de saneamento. Além disso, são mais de 2 bilhões de pessoas sem acesso à tecnologia, da mais complexa à mais simples.

A sobre-pesca reduz os recur-

sos pesqueiros em praticamente todo o mundo, prejudicando não só os ambientes marinhos pelo desequilíbrio ecológico, mas também milhões de pessoas que vivem da pesca.

Todo este quadro adverso mostrando crescimento da po-

breza e enorme degradação ambiental, constatado em relatórios anteriores e por este último e importante relatório da ONU, dificulta a implantação de políticas ambientais preservacionistas concretas, já que a luta pela sobrevivência

é um óbice a pre-

servar a flora e fauna por se traduzirem em potenciais alimentos, sem contar a crescente ganância inconsciente de grande parte dos ricos.

Ante estes dados, não é difícil concluir que a saúde ambiental do planeta Terra está cada vez mais comprometida e caminhando para uma situação que poderá se tornar irreversível, se não nos conscientizarmos da amplitude do problema ambiental global e não tomarmos medidas concretas, adotando políticas ambientais amplas, contundentes e eficazes, com a colaboração de todos.

Degradação praticada pelo ser humano é dramática

(*) Antônio Silveira Ribeiro dos Santos é juiz de Direito aposentado, criador do programa ambiental *A Última Arca de Noé*. (www.ultimaarcadenoe.com)